

Introdução

Esta tese aborda o tema da relação entre mundo e linguagem na filosofia de Nelson Goodman ou, para usar o seu vocabulário, entre mundo e versões de mundo. Mais especificamente pretendemos tratar de suposta tensão, ou contradição, no seu modo de caracterizar a linguagem e sua relação com o mundo. Ao longo de seus textos, esta relação aparece articulada de dois modos aparentemente opostos. Por um lado, mundo e linguagem são duas coisas distintas e autônomas e a tarefa da filosofia consiste em realizar uma investigação lógica dos modos de representação ou simbolização. Nesse caso, a linguagem é vista como um sistema ou um conjunto de sistemas simbólicos cuja principal função é a de referência. Mas, ao mesmo tempo em que propõe o estudo dos símbolos a partir da noção de referência, Goodman afirma que dada uma descrição, é impossível separar nela o que pertence ao mundo e o que pertence à descrição. Aquilo que chamamos de fatos, são ficções construídas dentro dos nossos mundos-versões. Dessas últimas afirmações pode-se concluir que não parece haver um limite claro entre o lingüístico e o "real" e a linguagem deve ser vista como um modo de constituição (ou construção) de mundos. Nesse último caso, então, ela é um dos elementos da experiência a partir da qual configuramos o chamado "mundo real", não podendo ser dele completamente separada.

Pretendemos mostrar que essa tensão é aparente e não invalida nem uma nem outra posição. Ao contrário, as duas são, no interior da filosofia goodmaniana, perfeitamente compatíveis. Isto é, é possível manter a tese da linguagem como representação ao mesmo tempo em que se defende a noção de constituição do mundo pela linguagem. De acordo com Goodman, é a própria ação de representar, entendida como simbolizar, o processo pelo qual

constituímos o mundo, mais especificamente, é a relação de referência, entendida como remissão das palavras às coisas que estabelece uma íntima conexão entre a linguagem e o mundo. De fato, para Goodman, a construção de mundos envolve processos de simbolização que consistem em relações de referência estabelecidas de modos múltiplos e variados a partir de duas formas básicas: a denotação e a exemplificação.

O termo "denotação" é usado num sentido mais amplo que o usual para designar a relação entre um símbolo de qualquer espécie (palavras, imagens, gestos, etc.) e aquilo a que o símbolo se aplica. Por exemplo: um nome denota seu possuidor, uma figura o seu assunto, uma partitura a sua execução. Para Goodman, a denotação, mesmo a não verbal, funciona sempre como uma espécie de predicado que descreve um objeto ao qual se aplica. Assim, uma imagem representa da mesma forma que uma descrição verbal. Isto significa que a representação pictórica não consiste em imitar, no sentido de assemelhar-se com, ou de copiar. As nossas imagens, diz Goodman, são tão convencionais quanto nossa linguagem verbal e as noções de realismo ou naturalismo em arte devem ser relativizadas para quadros de referência que são em grande parte estabelecidos pelo hábito. A afirmação de que a representação figurativa (*depiction*) não é em primeiro plano uma questão de imitar por semelhança tem sido bastante criticada por ir contra teorias defendidas há séculos dentro da filosofia e crítica da arte. Por exemplo, Goodman propõe que o realismo em arte seja pensado não segundo um critério neutro de semelhança, mas sim como uma questão de estilo. Um estilo é o que permite reconhecer uma representação pictórica como pertencendo a um dado autor e uma dada época e tem o mérito de mostrar que os nossos modos de representação são construídos historicamente. A representação, no sentido de denotação é assim um dos modos pelo qual a natureza se torna um produto da arte e do discurso.

Mas, de que modo a representação, entendida como denotação, pode ser considerada um modo de construir mundos? A resposta depende de assumirmos, como faz Goodman, que toda representação pertence a um sistema de símbolos, sendo que um sistema é sempre um modo de organizar um domínio de referentes. Assim, "o objeto e seus aspectos dependem da organização; e as etiquetas de todos os tipos são utensílios de organização". E mais: "Representação ou

descrição, pelo modo como classificam ou são classificadas, estão aptas a fazer ou marcar conexões, analisar objetos, numa palavra a organizar um mundo". (LA p. 32)

O segundo modo básico de referência, a exemplificação, opera de modo inverso à denotação. Segundo o nominalismo de Goodman, denotar implica em aplicar uma etiqueta diretamente sobre um objeto. Assim, o predicado vermelho aplica-se a um objeto se ele for vermelho. O objeto vermelho por sua vez é uma amostra de, ou exemplifica, a cor vermelha. Por exemplo, se alguém nos pergunta de qual cor queremos pintar a parede, podemos responder "vermelho" ou então mostrar um pedaço de papel e dizer: "dessa cor aqui". A cor do papel refere-se por exemplificação ao predicado vermelho por que faz parte do domínio de objetos aos quais o predicado pode ser aplicado. Essa é basicamente a diferença entre denotar e exemplificar. Mas não é só isso. Um símbolo pode representar de forma convencional como quando um sistema de objetos se refere a (denota, por exemplo) um outro sistema de objetos. Ou então, quando um objeto é apresentado enfatizando alguma(s) de sua(s) propriedade(s), como no caso da expressão ou exemplificação, o estabelecimento da relação referencial é uma questão de *destacar* ou chamar atenção para certas propriedades do objeto e a partir destas propriedades enfatizadas selecionar associações com outros objetos. Na exemplificação, são as propriedades que o objeto apresenta (*display*) que vão estabelecer as relações referenciais.

Podemos dizer, de um modo amplo, que a noção de linguagem proposta por Goodman é a de um sistema simbólico, isto é, toda linguagem é um sistema de objetos capaz de representar, ou referir algo que lhe é exterior.¹ Dentro da Teoria dos Símbolos de Goodman, não há restrições para que um objeto seja símbolo ou represente outro, embora palavras, imagens e números desempenhem mais freqüentemente este papel. A linguagem, segundo esta imagem, não é um espelho da realidade nem um canal ou óculos através do quais os objetos podem aparecer. Ao contrário, linguagem e realidade são ambos objetos que quando postos em correlação iluminam-se mutuamente. A linguagem é um objeto no mundo, entre outros objetos.

¹ "Símbolo" é usado por Goodman como um termo muito geral e neutro e indica tudo que está por (*stands for*) um referente. (LA, p. xi).

Essa conceitualização permite dispensar os intermediários semânticos entre a linguagem e aquilo que é dito por meio dela, não pela subsunção do mundo à linguagem, mas sim porque se assume que a relação entre a linguagem e o domínio de referência é direta. A idéia aqui é que é a remissão a objetos externos operada pela função referencial que constitui a significatividade. Esta é a tese do extensionalismo. De acordo com a semântica extensional o significado de um termo é a sua referência e esta é uma relação direta, que não é mediada por entidades intensionais como o significado, seja ele mental ou uma entidade do tipo platônico. Assim, compreender um símbolo implica em saber a que ele se refere. A referência, por sua vez, é determinada sempre dentro de um contexto que envolve o conhecimento do uso do símbolo em outros contextos significativos.²

Para construir essa tese, propomos o seguinte itinerário: no capítulo 1 discutimos a noção de representação. Primeiro, mostramos como Goodman rejeita a noção de representação que tradicionalmente estaria ligada à idéia de espelhar fielmente o mundo. Colocamos essa discussão a partir do *Tractatus Lógico Philosophicus* de Wittgenstein porque esta é uma das versões mais bem acabadas dessa visão de linguagem à qual Goodman se contrapõe. A discussão sobre representação na arte, por seu turno, está centrada no ataque ao papel que a semelhança desempenha na nossa prática de representação. Desautorizar a noção de semelhança como critério de representação, como Goodman faz, significa minar as bases de sustentação de qualquer tipo de realismo nos nossos sistemas de representação. Uma das premissas que sustentam o realismo da linguagem é que a semelhança é algo objetivo, que a nossa mente é capaz de "captar" o modo como o mundo é. A semelhança é atacada em outros tópicos do texto (metáfora, projetabilidade de predicados) porque supõe a passividade da percepção. O construtivismo que Goodman defende, ao contrário, depende de considerar a percepção como ativa, inventiva, interagindo com a realidade no próprio processo de construção de mundos.

No capítulo 2, a linguagem, ou mais propriamente, os nossos sistemas simbólicos, são considerados como sistemas de objetos. Neste capítulo expomos,

2 BRAIDA, C. *O nexa semântico*, p. 13.

a partir da noção de exemplificação, o que seria dentro da teoria de Goodman as funções referenciais da expressão e da metáfora. Como a exemplificação depende da aplicação de um predicado a um objeto, explicamos como a projetabilidade de predicados se insere dentro do quadro nominalista da filosofia de Goodman.

No capítulo 3, a tese de construção de mundos pela linguagem é ampliada e complementada com o conceito de instauração. Este conceito é discutido dentro do domínio das artes mas não está restrito à ele. Os mundos construídos através do uso de símbolos só se tornam realmente efetivos, quer dizer, só funcionam de fato quando são inseridos dentro da cultura. As obras de arte, assim como as teorias científicas e filosóficas, só se tornam partes constituintes da realidade quando são instauradas. Os mundos da linguagem, quando instaurados, tornam-se passíveis de experimentação, constituem mundos reais. Na última seção desse capítulo aproximamos Goodman do segundo Wittgenstein (das *Investigações Filosóficas*), assim como contrapomos Goodman ao primeiro Wittgenstein (do *Tractatus*) no início da tese. O objetivo é fornecer uma espécie de compreensão filosófica à investigação da linguagem proposta por Goodman, uma investigação que diz - dentro de uma perspectiva analítica - que se não podemos dar uma resposta definitiva à pergunta sobre como o mundo é, podemos oferecer uma teoria - não absoluta - sobre como funciona a linguagem nos nossos modos de dizer como o mundo é.